

Vedānta-Vaishnava (texto IV)

- Brahman é a única Realidade. É absolutamente indeterminado e não-dual. Está além da fala e da mente. É indescrevível porque nenhuma descrição sobre ele pode ser completa. A melhor descrição dele é através da fórmula negativa '*neti neti*' ou 'isso não, isso não'. Mesmo assim Brahman não é um abismo de 'não-entidade', porque é o Eu Supremo e permanece auto-revelado como o background de todas as afirmações e negações. No momento em que tentamos trazer esse Brahman dentro das categorias do intelecto ou tentar fazer desse sujeito máximo um objeto de nosso pensamento, nós perdemos sua natureza essencial. Então ele não permanece mais a Consciência Incondicionada, mas torna-se como se fosse condicionado. Este Brahman refletido em e condicionado por Māyā é chamado Īśvara ou Deus. Īśvara é o aspecto pessoal do Brahman impessoal. Esta é a celebrada distinção entre Deus e o Absoluto que Śāṅkara fez. Īśvara é também conhecido como *apara* Brahman ou Brahman inferior contrastando como o Brahman incondicionado que é chamado *para* Brahman ou Brahman superior.
- Os Advaitins questionam a visão de que Brahman pode ser conhecido através das escrituras reveladas. De acordo com a idéia deles, Brahman como a Realidade transcendental é auto-estabelecido (*svatas-siddha*) e está além de toda a fala e pensamento. Ele não pode ser captado pelo intelecto. Alguns textos dos Upaniṣads são citados como referência, como um texto do Muṇḍaka Up. Que diz que esta Realidade é imperceptível e impossível de ser captada (*yat tad adreśyam agrāhyam*). Um texto do Taitiriya Up. afirma que toda a linguagem, assim como o intelecto, não podem expressá-lo (*yato vāco nivartante aprāpya manasā saha*). Brahman, portanto, seria *avedya*—além de todos os *pramānas* empíricos e cognição.
Os Vaishnavas não aceitam essa versão. Não é correto dizer que Brahman não pode ser conhecido por intermédio das escrituras. Os próprios Upaniṣads declaram que Brahman só é conhecido através dos *śrutis*. O Kaṭha Up. afirma: "Todos os Vedas falam de Sua natureza" (*sarve vedaḥ yat padam āmananti*). Há, na verdade, vários textos que afirmam que Brahman pode ser descrito por palavras e também pode ser conhecido (Chāṅd I-6-7. *tasyoditi nāma*; Bṛhad VI-3-6. *atha nāmadheyam satyasya satyam*; Tait. *Yo veda nihitam guhāyam*; Tait. Āraṇyaka III-11 *sarve veda yatraikam bhavanti*).
Os textos dos Upaniṣads que afirmam que Brahman está além das palavras e pensamentos querem dizer que Brahman, que é infinito, não pode ser descrito adequadamente por palavras, e que não pode ser conhecido em toda sua completude pela nossa mente finita. A verdadeira implicação de *avācyatva* ou impossibilidade de ser descrito é que as palavras são inadequadas para descrever a natureza infinita de Brahman e a mente também não pode compreender sua natureza. Se essa interpretação não for aceita, haveria conflito com tanto a anterior quanto a posterior afirmação feita numa mesma

passagem de um texto nos Upaniṣāds. Assim, a passagem que discute o bem-aventurado caráter de Brahman, começa com a afirmação de que aquele que conhece Brahman (*brahmavit*) alcança o Supremo (*āpnoti param*); a afirmação que conclui diz que Brahman é conhecido como *ānanda* (*ānandaṁ brahmaṇo vidvān*). Essas referências claramente mostram que Brahman é capaz de ser conhecido. De fato, todas as passagens dos Upaniṣāds que lidam com o Brahman têm uma direta referência ao Brahman, e todas essas seriam sem significado se Brahman fosse tomado como *avedya* ou não-conhecido. É sustentado pelos Advaitins que o termo Brahman, ātman, etc. mencionados nos Upaniṣāds não têm um significado primário (*mukhyārtha*) em respeito a Brahman, mas somente um significado secundário (*lakṣana*). Isso quer dizer que essas palavras não se referem a Brahman diretamente, mas indiretamente. Isso é explicado na analogia da lua vista através de um galho de árvore (*śākhā-candra-nyāya*). A lua visível como se estivesse perto do galho da árvore é assim usada para identificar a lua real que está muitíssimo longe no céu. Embora não haja conexão entre o galho e a lua, isso serve com o propósito de identificar a lua no céu. Da mesma forma, o termo Brahman nos Upaniṣāds serve para transmitir o conhecimento de Brahman sem ter nenhuma referência direta a Brahman.

Tal explicação não é apoiada pelos Vaishnavas. Se um termo é destituído de significado primário, seu significado secundário não é também possível. Se há de ter um significado secundário, isto deve necessariamente estar fundamentado no significado primário. Na ausência de significado primário, um significado secundário é inimaginável.

Para os Vaishnavas, não existe em nenhum lugar e em tempo algum dificuldade em aceitar o significado primário de Para Brahman, a mais elevada Realidade postulada pelos Advaitins. A palavra Brahman, ātman, etc. e todos os textos dos Upaniṣāds relacionados à discussão sobre a natureza de Brahman referem-se diretamente ao Brahman superior. É, portanto, apropriado e lógico aceitar que Brahman é conhecido através das escrituras e estas escrituras são as únicas autoridades para provar sua existência. O autor do Vedānta-sūtras afirma que somente *śāstra* é a suprema autoridade para nossa crença na existência de Deus (VS I-1-3 *śāstra-yonitvāt*).

- Os Vaishnavas aceitam que a Realidade última ou Brahman referida nos Upaniṣāds é o Deus pessoal da religião. A teoria dos dois Brahman é assim rejeitada. O Vedānta-sūtras claramente indica que existe somente um Brahman, que é o criador, mantenedor e destruidor da manifestação cósmica e é qualificado com infinitos atributos auspiciosos. Śrī Rāmānuja declara, no começo mesmo de seu comentário sobre os Vedānta-sūtras, que o termo Brahman denota *Puruṣottama*, a Suprema Personalidade de Deus, que é essencialmente livre de todas as imperfeições e possui infinitos atributos auspiciosos de insuperável excelência. O significado etimológico de Brahman, como *ī* indicado pelos textos *śruti* e *smṛti*, é aquilo que cresce e causa crescer

(*bṛhattāt brahmanatvāt*). Se tomamos em consideração estes dois epítetos, então o termo Brahman é aplicável primariamente ao Senhor Supremo (*Sarveśvara*).

A natureza da Realidade última é apreendida através dos textos dos Upaniṣāds. Nas passagens que tratam da criação do universo, os termos *sat*, *ātman* e *Brahman* são usados para referir-se à primeira causa do universo. Assim, numa passagem o Chāndogya Up. VI-2-1 diz: *sad eva samya idam agra āsit* – “*Sat* somente existia no começo.” No Aitareya Up. I-1-1 é dito: *ātman vā idam eka evāgra āsit* – “*Ātman* somente existia no começo.” Já no Bṛhadāraṇyaka Up. III-4-11 é dito: “Brahman somente existia no começo.” Assim, três diferentes termos – *sat*, *ātman* e *Brahman* são usados. Desde que várias entidades não podem ser a causa do universo, tem que se admitir que uma entidade particular é a exclusiva causa do universo. A questão então é determinar: Qual é essa entidade? A palavra *sat* é geral demais e pode significar qualquer coisa que exista. *Ātman* é um pouco mais específico que *sat*, mas é aplicável tanto para *jīvātma* quanto para *Paramātma*. A palavra Brahman é muito mais específica mas é aplicável para mais de uma entidade; também pode significar *prakṛti* e *jīva*. Um outro Upaniṣād, o Mahopaniṣād, menciona Nārāyaṇa como a causa do universo. É dito que somente Nārāyaṇa existia no começo: *eko há vai nārāyaṇa āsit*. A palavra Nārāyaṇa é usada em lugar dos termos *sat*, *ātman* e *Brahman*, mencionados em outras passagens como a causa do universo. De acordo com o princípio de interpretação estabelecido pelos Mīmāṃsakas, quando vários termos são usados num mesmo contexto, o termo que tem um significado geral deve assumir o significado do termo específico. De acordo com o princípio gramatical formulado por Pāṇini, o termo Nārāyaṇa é tratado como um específico nome próprio (*saṃjñā-pada*) e é aplicável a um Ser específico, mas não a qualquer outra entidade, como os termos gerais tais como *sat*, *ātman* e *Brahman*. Conclui-se, portanto, que Brahman referido nos Upaniṣāds como a causa do universo é o mesmo que Nārāyaṇa.